



## AS STRONGWOMEN E A HERSTORY NA MUSCULAÇÃO

Iasmim Santos<sup>1</sup>  
Patrícia Lessa<sup>2</sup>

### Resumo

A história das mulheres no fim do século XIX e início do XX pode ser pensada na perspectiva da cultura corporal e das invenções tecnológicas da musculação. Algumas mulheres foram precursoras nas exposições de força. O silêncio paira sobre as histórias de mulheres conhecidas como *strongwomen*. Nossos objetivos foram relacionar as atividades das artes corporais com as tecnologias da musculação e entender o processo de inserção delas nas atividades de força. As nossas fontes foram *Historie Sily e Female Single Combat Club*. Em nossos procedimentos, ressaltamos a epistemologia feminista com destaque para Rodríguez (2004) e Rago (2008). Ao revisitar os feitos de algumas dessas mulheres podemos afirmar a positividade de outras configurações corporais para as mulheres ao longo da história.

**Palavras-chave:** Strongwomen. Musculação. Feminismo.

### Eis que surgem as Strongwomen


Em 1970 Robin Morgan escreveu: *Sisterhood is powerful: an anthology from the women's liberation movement*, a obra teve um papel fundamental na escrita da História em uma perspectiva feminista. Morgan (1970) nomeou *Herstory* a história escrita por mulheres e/ou sobre o papel desempenhado por elas. Quando refletimos sobre a participação feminina na atualidade, pensamos na sua “política de localização” (HARAWAY, 1995) e no contexto histórico onde emergiram os acontecimentos. As musculadoras inventavam algumas formas de exibir sua arte e conquistar o respeito no período entre o fim do século XIX e início do XX.

Com a ajuda da ciência moderna os homens conseguiram, parcialmente, preservar o poder em seu domínio, por meio da disputa de jogos e pelas celebrações públicas de suas proezas físicas (RUBIO; SIMÕES, 1999). As mulheres resistiram, criaram seus próprios grupos e competições e, aos poucos, adentraram no universo dos Jogos Olímpicos e, posteriormente nas Ligas e Federações (PFISTER, 1997) e nos esportes de força.

<sup>1</sup> Graduada em Processos Gerenciais e graduanda em Educação Física, UFPel/RS, contato.iasfit@gmail.com.

<sup>2</sup> Pós-Doutorado em Letras UFF/RJ graduada em Educação Física UFPel/RS, UEM/PR, patricialessa13@gmail.com.





Em nossa pesquisa nos propomos a pensar o papel das *Strongwomen* durante a *Belle Époque*, nossos objetivos foram relacionar as atividades das artes corporais com as primeiras tecnologias da musculação e entender o processo de inserção delas nas atividades de força. As *arts corporis* são as expressões estéticas que dão luz aos corpos na modernidade: corpos hipertrofiados, corpos fortes, corpos nus são o espetáculo e fazem dos corpos o *show*, onde se confundem o levantamento de peso, o *strongwomen/men*, o culturismo dentre outras modalidades diretamente ligadas à musculação.


O culto ao físico ou as *arts corporis* foi possível graças às tecnologias em ascensão na modernidade. Com a criação das anilhas, dos *dumbbells*, das sapatilhas de aço dentre outras invenções, também surgiram os centros de treinamento ou *gymnasios (gym)*. Diz-se que tudo foi criado por homens renomados como Eugene Sandow, mas quantas mulheres participaram destas invenções e permaneceram ocultas na historiografia?

Vale lembrar que há uma enorme variação desses padrões, mudando de sociedade para sociedade e em um mesmo período histórico ou em um mesmo grupo social, ao longo do tempo. Autoras como Hilaire (2000) e Hargreaves (2000) apontam uma multiplicidade de gêneros e de lutas em torno das identidades sexuais. Rodríguez (2004) analisa a *fhysis* nos textos da antiguidade e demonstra que não havia o determinismo biológico que surgiu para marcar o pensamento modernista, ela diz:

En los *Tratados hipocráticos* los cuerpos de hombres y mujeres eran considerados miembros de una misma especie que basicamente participaban de la misma *fhysis*. Diferentes hechos lo demostraban: las mujeres particularmente activas dejan de menstruar [...] si la mujer hace deporte o lleva una vida activa, es casi como um hombre. [...] Los roles sociales no se basan en la biología, como ocurre em el pensamiento moderno, sino que, a la inversa, condicionan los rasgos corporales próprios de cada uno de los sexos (RODRÍGUEZ, 2004, p. 50).

Rubio e Simões (1999) discutem essa afirmação revelando que as mulheres, tanto na antiguidade como no mundo moderno, têm sido estudadas e descritas a partir de uma perspectiva masculina. O período caracterizado por investimentos artísticos e tecnológicos teve no corpo um *locus* de experimentações estéticas. A palavra *Belle Époque*, que significa bela época em português, pode ser compreendida como um estado de espírito que teve destaque na França, começou em meados do século XIX e terminou com o início da Primeira Guerra Mundial. O surgimento de algumas tecnologias, como o cinema, as fotografias, somam-se aos equipamentos de musculação, e retratam as conexões entre o campo cultural e o científico. O destaque ao belo, ao corpo e ao divertimento são outros pontos que marcam o período. Surgem espaços culturais de entretenimento, tais como, os cabarés, as casas de concertos, os cinemas, e, um pouco menos divulgados nos compêndios de história, os





ambientes que eram exclusivos para as exibições físicas de força (CHAPMAN, 2010; KHROMOV, 2003; IRON, 1991). Citamos Rago (2008, p. 25): “A própria seleção dos que poderiam então ser identificados como normais e compor a nova força de trabalho do mundo moderno passava pela definição do tipo físico, da seleção corporal e de avaliações morais”.


Nesse mesmo período, algumas mulheres exibiam seus corpos hipertrofiados e fortes, elas eram as *Strongwomen*, se apresentavam em feiras, circos, *shows* e espetáculos nas ruas, nos teatros e *music-halls*. Na passagem do século XIX para o XX, muitas delas adquiriram notoriedade e reconhecimento público ao se apresentarem como profissionais da força, tais como: Athelda, Minerva, Athleta, Gertrudes Leandros, Madame Montagna, Vulcana, Lilian Leitzel, Louise Armando, Mademoiselle Aini, Miss Herta, Madame Stark, Elvira Sansoni, entre outras (CHAPMAN; VERTINSKY, 2010). Nas obras de Fernando de Azevedo analisadas por Goellner e Fraga (2003; 2004), não há referência alguma a essas mulheres ainda que, muito possivelmente, ele tivesse conhecimento delas.

O corpo estava se complicando, se despindo e hipertrofiando, se transformando, preparando o campo para os corpos *cyborgs* que já são um desfecho dos avanços do culturismo após os anos 1950 (LESSA, 2007; 2012). Como escreveu a feminista Sadie, em *A Mulher Digital*: “A vida inteligente não pode mais ser monopolizada. E longe de sumir na imaterialidade do ar rarefeito, o corpo está se complicando, replicando-se, escapando de sua organização formal, [...] que a modernidade aceitou como normal” (PLANT, 1999, p. 163).

É importante ressaltar que muitas destas *Strongwomen* trabalhavam com apresentações artísticas, porém, os poucos indícios levam a crer que haviam competições de força no início do século XX, sem um corpo federativo para organizar. As competições vinculadas à organização desportiva, tanto no fisiculturismo como no levantamento de peso, levaram algumas décadas para acontecer. A musculação, a cultura física e o levantamento de pesos se confundem no período estudado, embora alguns autores acreditem que foi somente nos anos 1970 que as mulheres aderiram às competições: “A participação das mulheres em competições de musculação iniciou-se no final da década de 1970 com uma competição chamada “A Melhor do Mundo”. Em 1980, nos Estados Unidos, aconteceu [...] a primeira ‘Miss Olympia’” (GUEDES, 2003, p. 3).

Um dos casais mais conhecidos da *Belle Époque* foi Vulcana e Atlas que, provavelmente, treinavam juntos. Kate Roberts, nasceu no País de Gales, em 1883, usava o nome artístico de Vulcana. Registra-se que ela foi a primeira mulher a realizar o “*Tombo of Hercules*”, no qual ela se posicionava no chão em um *backbend*, uma plataforma colocada sobre seu corpo por onde caminhavam cavalos e homens. Sua força impressionou um dos





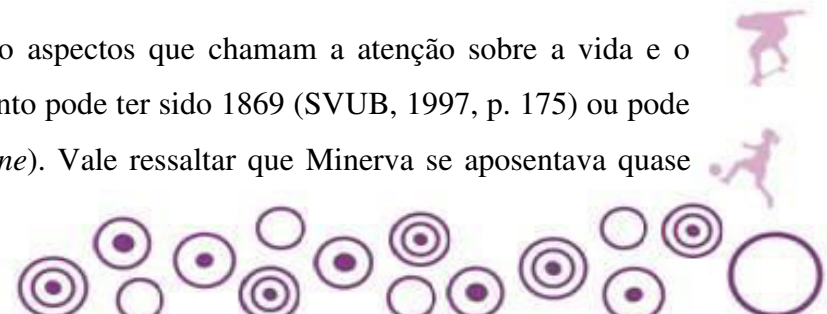
mestres da cultura física na França, Edmond Desbonnet (KHROMOV, 2003). O casal formava uma parceria e se apresentava em vários locais. Aqui as relações de gênero são secundárias, pois, ao conhecer Vulcana, Atlas que já era conhecido largou a esposa e filhos e viveram juntos, formando uma parceria no esporte, na arte e no afeto.

Mária Loorberg, usava como nome de palco Mária Lurs, foi uma *Strongwoman* da Estônia, nascida em 1881. Com um peso de 80Kg distribuídos em 1,68m de altura era comum treinar com pesos de 70 kg realizando um levantamento com uma só mão erguendo 50Kg acima da cabeça. Apresentava o espetáculo nomeado o “carrossel vivo” onde pessoas ficavam amarradas com cordas que ela erguia sobre os ombros e girava ao redor do palco. Dentre outros feitos, ela levantava dois homens, com peso de aproximadamente 66kg. Ficou conhecida como uma forte lutadora e foi considerada a maior atleta do império russo na sua época e região (KHROMOV, 2003; SVUB, 1997).


As conexões entre a musculação, as lutas, as apresentações artísticas e a cultura física são as *arts corporis*, as formas artísticas de exibir a força e o físico hipertrofiado. Os *gymnasios* eram alguns dos locais onde Mária Lurs esculpia seu corpo para fazer dele um *show* e um modo de vida, de trabalho e de experimentação estética. Ela e as outras atletas selecionadas formam uma história visual que nos conta sobre as artes de esculpir os corpos e de desafiar os limites da força. É importante perceber, na segunda imagem, o tipo de exibição de força no qual ela se destacava e transformava em sua singularidade, ou seja, o “carrossel vivo” mostrado em duas pequenas imagens logo abaixo da imagem de Lurs.

O corpo entra em cena e vira espetáculo. Uma retomada das esculturas gregas e do ideal de beleza corporal pode ser percebido nas apresentações de Minerva. Josephine Schaur Blatt nasceu em Hamburgo, na Alemanha, ficou conhecida como Minerva, uma das mulheres fortes e bem-sucedidas no circuito das *arts corporis*. Até sua aposentadoria em 1910, aos 42 anos, ela surpreendeu o público de toda a Europa e América enquanto se apresentava em vários circos. Com uma altura de 1,73cm, ela pesava 75kg e seus bíceps mediam, aproximadamente, 45cm, suas demonstrações de força incluíam quebrar cadeiras de aço expandindo seu peito e parando balas de 24 libras disparadas de um canhão próximo. Em 1893, ela se tornou conhecida como a mulher mais forte do mundo de acordo com o *Guinness Book of World Records*, quando levantou um total de 3,563 libras no *Bijou Theatre em Hoboken*, em New Jersey.

O mistério e a invisibilidade são aspectos que chamam a atenção sobre a vida e o trabalho de Minerva. A data de nascimento pode ter sido 1869 (SVUB, 1997, p. 175) ou pode ter sido 1863 (KHROMOV, 2003, *online*). Vale ressaltar que Minerva se aposentava quase







que precisamente no momento em que a jovem Kattie Brumbach (ou Sandwina) chegou na América e apesar do legado deixado em razão de seus feitos, Minerva nos deixou com inúmeras questões sem resposta: Qual era seu verdadeiro nome? Teve filhos? Quais foram seus recordes precisos? Como era percebida pelos homens e mulheres que a viam?

Kattie ou Katie Brumbach ficou conhecida como Sandwina ou a *Iron-Queen* Sandwina. Ela nasceu em Viena, no ano de 1884, era filha de artistas de circo, desde criança praticava exercícios de força juntamente com três de suas irmãs que, como ela, também faziam exposições públicas demonstrando sua arte. Adquiriu grande popularidade nos primeiros anos do século XX, fundamentalmente quando, em um pequeno clube na cidade de Nova York, venceu Eugene Sandow em um desafio de força ao erguer sobre sua cabeça um peso total de 300 libras superando o adversário, que o ergueu somente até a altura do peito. O nome Sandwina, o duplo feminino de Sandow, foi inventado neste dia. Eugene Sandow era uma figura popular desde o final do século XIX. A imagem de seu corpo, moldado pela exercitação, era divulgada, também, pelo uso da fotografia e dos filmes. Não podemos dizer o mesmo dela, que ficou por longo tempo apagada da historiografia, mesmo tendo vencido o poderoso Sandow.

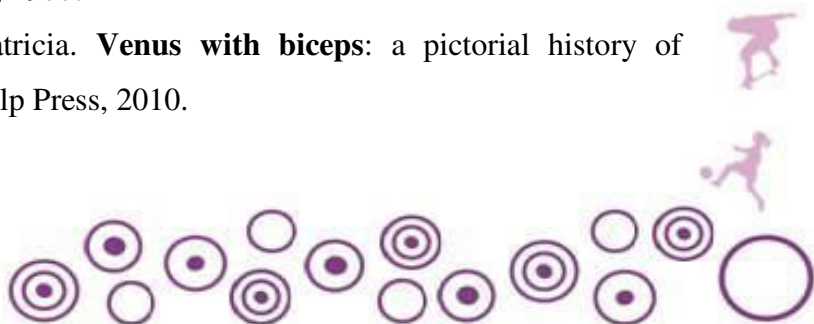
Nesse sentido, é possível pensar o quanto é inquietante a forma física de Sandwina. As características viris atribuídas ao seu corpo permitem não apenas questionar a legitimidade e a feminilidade de sua beleza. Sandwina subverteu com seu corpo a fragilidade das identidades fixas que tentam estabelecer as fronteiras da feminilidade normal e desviante, seu corpo quebrava a ordem dos discursos binários. Os corpos fortes das mulheres possuem uma estética própria. Silvia Bovenschen (1977) questionava se havia uma estética feminista e respondia que sim se nos referirmos a uma consciência estética e um modo de percepção sensorial.


Ao revisitar os feitos de algumas dessas atletas, podemos afirmar a positividade de outras configurações corporais para as mulheres ao longo da história e, ainda, ressaltar o ciclo de exclusão nos esportes, e a demonstração de uma vontade de superação e uma inabalável resistência e luta contínua.

## Referências

BOVENSCHEN, Silvia. Is there a feminine aesthetic? **New German Critique**. Durham, Duke University Press, n. 10, p. 111-137, 1977.

CHAPMAN; David; VERTINSKY, Patricia. **Venus with biceps**: a pictorial history of muscular women. New York: Arsenal Pulp Press, 2010.





GOLLNER, Silvana; FRAGA, Alex. Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. **Movimento**. Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 59-82, set. /dez. 2003.

GOLLNER, Silvana; FRAGA, Alex. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 2, p. 71-84, jan. 2004.

GOULD, Stephen Jay. **As falsas medidas do homem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUEDES, Dilmar. **Musculação: estética e saúde feminina**. São Paulo: Phorte, 2003.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em: jan. 2018.

HARGREAVES, Jennifer. **Heroines of sport: the politics of difference and identity**. London: New York: Routledge, 2000.

HILAIRE, Colette St. A dissolução das fronteiras do sexo. NAVARRO-SWAIN, Tânia (Org.). **Textos de história**. Brasília, v. 8, n. 1/2, p. 85-110, 2000.

IRON game history. **Talking with the world's strongest women**. United States, august 1991. Disponível em: <<http://library.la84.org/SportsLibrary/IGH/IGH0106/IGH0106d.pdf>>. Acesso em: jan. 2018.

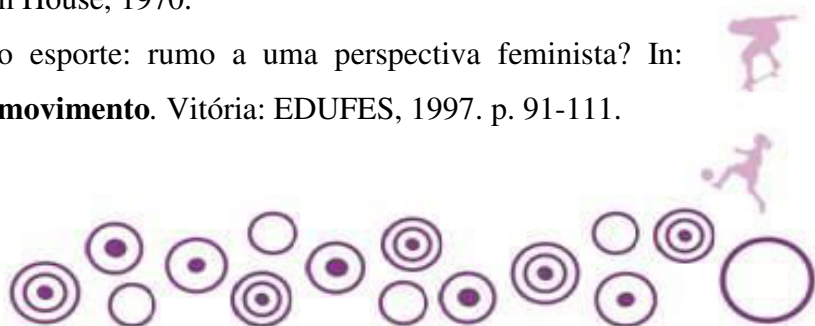
KHROMOV, Alexander. **Circus female wrestlers at the turno of the XX century**. 23 jan. 2003. Disponível em: <<http://www.fsclub.com/history/circus-wre2-e.shtml>>. Acesso em: jan. 2016.

LESSA, Patrícia. Bodybuilders ou cyborgs? A reinvenção do corpo feminino. **Anais... I Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas**. Porto Alegre: UFRGS, 16-18 mai. 2007. CD-Rom

LESSA, Patrícia. Corpos blindados: a desconstrução de gênero no fisiculturismo feminino. **Revista Ártemis**, v. 13, jan./jul. 2012, p. 210-221. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Downloads/14225-23058-1-SM%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/14225-23058-1-SM%20(3).pdf)>. Acesso em fev. 2015.

MORGAN, Robin. **Sisterhood is powerful: an anthology of writings from the women's liberation movement**. New York: Random House, 1970.

PFISTER, Gertrud. A história delas no esporte: rumo a uma perspectiva feminista? In: ROMERO, Elaine (Org.). **Mulheres em movimento**. Vitória: EDUFES, 1997. p. 91-111.





PLANT, Sadie. **Mulher digital**: o feminismo e as novas tecnologias. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1999.

RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro Paulo. Antigos e modernos: cidadania e poder médico em questão. RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro Paulo. (Org.). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008.

RODRÍGUEZ, Amparo Gómez. **La estirpe maldita**: la construcción científica de lo femenino. Madrid: Minerva, 2004.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**. a. V, n. 11, p. 50-56, 1999/2.

SVUB, Josef. **Historie síly**. Czech Republic: Svet Kulturistiky, 1997.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

